

## A CANEQUINHA

Durante muitos anos como quase todo mundo, fui um mentiroso moderado, falseando a verdade nas coisas menos importantes. Achava que isso era cômodo, às vezes até atitude mais piedosa. Com o correr do tempo, compreendi que é muito mais fácil falar apenas a verdade, pois sustentar, permanentemente, u'a mentira dá enorme mão de obra, já que se esquece com facilidade as "coisas" inventadas. Mercê de tal mudança, reconheço a fraqueza anterior e me penitencio (mea culpa, mea máxima culpa), embora não tenha prejudicado ninguém.

Por escrever e publicar com certa regularidade, minha vida se tornou um livro aberto, porque o leitor participa e sabe quase tudo a meu respeito, chorando comigo quando estou triste e rindo, quando alegre.

Assim, vou contar um fato acontecido na fase heróica da existência.

Em 1942, quando fui estudar na capital, era violento. Se alguém tentasse arranhar meu brio, sem pensar duas vezes, partia para a "porrada". Briguei um sem número de vezes e

apanhei cerca de 90%, o que me amansou e me conferiu prudente calma.

Cursava o pré-jurídico existente na Faculdade de Direito, onde quase a totalidade dos alunos lutava contra a ditadura de Getúlio Vargas. Numa noite fui ao cine Metro (Av. São João). Antes do filme, durante o jomal, o ditador começou a falar à nação. Indignado, dei-lhe uma vaia, consistente em tossir sem parar, para evitar que o Getúlio fosse ouvido pelos presentes. Imediatamente, dois "tiras" me intimaram a ir até à sala de espera, conversar com o delegado. Percebi que a barra tinha sujado e os homens estavam me prendendo.

Baseado no meu porte atlético e mocidade, arquitetei um plano de fuga. Quando chegamos ao saguão, dei um soco bem forte num dos tiras, no afã de chegar à Avenida São João e ganhar a liberdade. O homem caiu, mas não deu tempo de dar no pé. Seus companheiros (cerca de 20) me rodearam e os cassetetes comeram soltos. Levei um monte de pancadas, todas muito dolorosas, mas continuei reagindo, até que um deles me encostou um revólver nas costas, na coluna vertebral. "Afinei" prontamente, já que não sou de lacanga e fui "delicadamente" jogado dentro do camburão, vencido e humilhado.

Em seguida me levaram para o prédio vermelho da Ordem Política e Social perto da Estação da Sorocabana, onde me trancafiaram no porão (cela nº 5), após me despojarem das minhas chaves e da cinta (que coisa deprimente).

Fiquei em ótima companhia: 2 russos, 5 japoneses (o Brasil estava em guerra contra o "eixo" - Alemanha, Japão e Itália) e mais 4 "subversivos". Passei 3 dias engaiolado. Ainda bem que a comida era boa: arroz empapado, feijão com carunchos e carne seca meio podre, tudo misturado numa marmitta. Como tinha dinheiro, durante os 3 dias, comi banana nanica e pão com queijo, que o carcereiro me vendia por cinco vezes seu valor real. Tive de fazer "politica" com os outros presos e colegas: dei banana para alguns, comprei um sabonete para outro e um maço de cigarros para o chefão do recinto. Só tinha 18 anos e passei um medão danado. Mas o duro mesmo foi prender as calças com um barbante fino, comprado (por 2 cigarros), usar a privada na frente de todos, enxugar o corpo com o lenço, após o banho e reutilizar a roupa suja.

Depois, a sorte mudou. O Dr. Heitor José Reali (meu colega de turma na faculdade, que foi juiz desta comarca e era, na época, funcionário do presídio falou com seu irmão, Elpídio Reali (Chefe do gabinete do Secretário da Segurança) e fui solto, após meu tio Carlos Jacintho Monteiro assinar um termo

de responsabilidade. Em liberdade (coisa boa), fui para a casa de meu referido tio, tomei um banho de verdade. Minha tia Pequena (Mariana) aplicou remédio na minha cabeça para matar os piolhos, iodo nos machucados e bálsamo nas contusões. Durante uma semana, os tios não me deixaram sair de casa. Depois, o bondoso tio me levava e ia buscar na faculdade. Um mês após, a vida voltou ao normal e nunca mais tossi no cinema ...

Esta historinha é a verdade verdadeira e veio à mente porque no dia 4 de março daquele remoto ano era aniversário de meu Pai e vim para Itápolis. Para não perder aulas, tomei o trem noturno em São Paulo, a "jardineira" (ônibus) em Araraquara. Cheguei de manhã, beijei minha Mãe e fui cumprimentar meu Pai pelo aniversário. O amigão estava no banheiro, fazendo a barba diária, usando sua canequinha de alumínio, marca Fulgor (8 centímetros de altura e outros ditos de boca), que está na minha frente, sobre a mesa, enquanto escrevo esta crônica. Parece que estou vendo meus Pais. Minha mãe na cozinha fazendo café, para me dar com leite, pão e manteiga. Meu Pai esquentava a água na canequinha, para amolecer a barba. Depois dos parabéns, sem mais delonga, dei-lhe o presente de aniversário, contando-lhe que

tinha sido preso. Até então eles nada sabiam. Minha Mãe ficou com os olhos vermelhos e riabinhados, não disse nada, mas afagou-me a cabeça. O "Velho", com as mãos trêmulas, cortou o rosto, "satisfeitíssimo" com a notícia da prisão ...

Hoje não tenho mais atitudes heróicas. A mocidade passou, os sonhos também... Mas tenho muito orgulho de tudo quanto aconteceu, pois naquele tempo acreditava na liberdade, na lei e nos direitos.

Quando meu Pai foi embora (1970), herdei a canequinha, que é o bem mais precioso que possuo. Um dia sim, outro não esquento a água e faço a barba. Vez ou outra me dá um nó na garganta e os olhos ficam turvos e úmidos. Já não sou mais aquele moço que tinha a coragem de enfrentar a polícia política. Depois de uma certa idade, a gente se alimenta de lembranças, ajuda nos trabalhos domésticos, faz compras nos supermercados e quitandas e se transforma num "galo capão", cheio de feminina doçura, que apenas se espelha nos descendentes, com uma "baita" inveja.